

José Luiz Fiorin, Semiótica e Paixão

Entrevista a Cristina Sampaio

O Professor Fiorin fala, nesta entrevista, sobre o seu interesse pelo estudo das paixões e os desafios e impasses da Semiótica na contemporaneidade, evidenciando a inquietude de um pesquisador vibrante no auge de sua maturidade intelectual.

José Luiz Fiorin, um dos nomes mais respeitados da Lingüística contemporânea brasileira, é Livre-Docente e Professor Associado do Departamento de Lingüística da Universidade de São Paulo onde exerceu atividades de ensino-pesquisa por mais de vinte anos. Tem Doutorado pela Universidade de São Paulo (1983) e Pós-Doutorado pela École des Hautes Études en Sciences Sociales (Paris) (1983-1984) e pela Universidade de Bucareste (1991-1992). É autor e co-autor de vários livros, destacando-se, entre outros: *As astúcias da enunciação. As categorias de pessoa, espaço e tempo*. (São Paulo: Ática, 1996); *Lições de texto: leitura e redação*. (São Paulo: Ática, 1996); *O regime de 1964: discurso e ideologia* (São Paulo: Atual, 1988); *A Semiótica Discursiva*. (In: LARA, Gláucia Muniz Proença; MACHADO, Ida Lúcia; EMEDIATO, Wander. (Org.). *Análises do discurso hoje*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008); *Semiótica e política*. (In: BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz. (Org.). *A fabricação dos sentidos: estudos em homenagem a Izidoro Blikstein*. São Paulo: Humanitas, 2008); *Semiótica e ensino da leitura*. (In: Iara Rosa Farias. (Org.). *Trans-formar a educação*. 1a. ed. Rio de Janeiro: Faculdade de Educação da UFRJ, 2006, v. 1). Seu livro mais recente, *Em busca do sentido* (São Paulo: Editora Contexto, 2008), como o próprio autor descreve, é uma coletânea de artigos escritos em diversas épocas de sua vida acadêmica que evidenciam a inquietude de um pesquisador vibrante no auge de sua maturidade intelectual. Na entrevista concedida à EUTOMIA, com exclusividade, o autor vai falar sobre o seu interesse pelo estudo das paixões – que resultou na publicação de dois artigos: *Paixões, Afetos, Emoções e Sentimentos*

(Cadernos de Semiótica Aplicada, vol. 5: 2007) e Semiótica das Paixões: o Ressentimento (Alfa, São Paulo, 51 (1): 2007) –, sobre a inserção da paixão na Teoria Semiótica, a escolha do ambiente universitário para focalizar seu estudo das paixões, sua vivência universitária, questões acerca do sujeito, para a Semiótica, e os desafios e impasses da Semiótica na atualidade.

Pergunta: Professor Fiorin, como é que surgiu este seu interesse pelo estudo das paixões ?



Resposta: Bom, meu interesse pelo estudo das paixões surgiu quando a Semiótica resolveu estabelecer um lugar teórico para as paixões, porque, inicialmente, a Semiótica começou uma concepção narrativa em que havia uma troca de objeto e, portanto, ela se interessou pelo aspecto pragmático da narrativa, pelas ações. Mais tarde ela se interessou pelo estudo da manipulação e da sanção e, portanto, aí já começavam a entrar as condições do sujeito para manipular e ser manipulado. Depois então ela começa a se interessar por aquilo que ela vai chamar de os *estados de alma do sujeito*. Ao ampliar o seu escopo de análise, vai-se verificar que há determinados textos nos quais não se tem propriamente troca de objeto. O que se tem, na verdade, são paixões que determinam o desenvolvimento narrativo. Por exemplo: a questão do ciúme no Otelo, de Shakespeare, e todo o trabalho de inocular o ciúme

em Otelo e depois qual o papel que o ciúme exerce no desenvolvimento da ação. Ou então, em inúmeras narrativas que tratam do avarento, como por exemplo, em “Anedota pecuniária”, de Machado: como a avareza vai fazendo mover a narrativa. Bom, a partir desse lugar teórico, eu me interessei pelo estudo das paixões. E eu, então, entendia que a paixão era um elemento importante do discurso e um elemento que não tinha encontrado um lugar teórico e que, portanto, era preciso trabalhar com ele.

Pergunta: Mas como você define, exatamente, a paixão para a Semiótica?

Resposta: Digamos que para a Semiótica a paixão estudada é uma paixão de papel. A Semiótica diz o seguinte: que a paixão é uma dimensão importante do discurso e o sujeito da enunciação é sempre um sujeito apaixonado. A paixão é, para a Semiótica, um arranjo de elementos lingüísticos, dado que é uma paixão de papel, uma paixão representada. Ela é um arranjo de modalidades, que são moduladas. Por exemplo, o que é a curiosidade? É um querer-saber intenso. Então existe toda uma teoria das modalidades para configurar esses arranjos, que são lexicalizados como paixões. Essas paixões são moduladas. Além disso, tem-se o *aspecto* e o tempo envolvidos nesse arranjo lingüístico das paixões. Por exemplo, eu tenho paixões incoativas ou momentâneas, como a ira, ou então paixões durativas, como o rancor, que é alguma coisa que dura no tempo, que envolve uma duração temporal. Eu tenho paixões voltadas para o passado e paixões voltadas para o futuro. Por exemplo, o remorso é uma paixão voltada para o passado: eu só posso ter remorso daquilo que eu fiz. Mas o medo é uma paixão voltada para o futuro: eu só posso ter medo do que vai acontecer. Então, a paixão é uma configuração de elementos lingüísticos. A paixão é o efeito de sentido gerado pelo arranjo desses elementos lingüísticos. Para a Semiótica a paixão pode aparecer de duas maneiras diferentes. Ela pode aparecer mencionada no texto como um lexema, como, por exemplo, quando se diz que uma personagem ficou colérica. Então temos a menção do lexema cólera. Daí a análise tem de ser uma análise desse lexema no interior de uma dada cultura para verificar a



configuração da paixão. Ou então se pode representar a paixão numa narrativa, como, por exemplo, no romance “Um copo de cólera”, de Raduan Nassar, em que se narra essa paixão. Ou então o ciúme, como em Dom Casmurro. O leitor vai vendo o ciúme de Bentinho aparecer e como ele interfere na maneira como a personagem vê Capitu. Isso é representado no romance. Além disso, a paixão tem de ser vista de duas maneiras diferentes. Ou no enunciado, e aí ela é dita ou representada, ou na enunciação e aí ela cria o tom do texto. Quando se toma, por exemplo, um poema como o “Navio Negreiro”, de Castro Alves, percebemos que o poeta estava animado por uma ira, chamada ira condoreira, diante da situação do Brasil da escravidão. Como isto se manifesta? Pode-se verificar que todo o tom grandiloquente, a quantidade de acentos, as pausas, a quantidade de reticências, a quantidade de pontos de exclamação, depois as apóstrofes, tudo isso cria um tom indignado: “Auriverde pendão de minha terra,/ Que a brisa do Brasil beija e balança,/ Estandarte que a luz do sol encerra,/ E as promessas divinas da esperança... Tu, que da liberdade após a guerra,/ Foste hasteado dos heróis na lança,/ Antes te houvessem roto na batalha/ Que servires a um povo de mortalha!” E termina com “Andrada! arranca esse pendão dos ares!/ Colombo! fecha a porta dos teus mares!” Existe um tom indignado na enunciação. São esses elementos que a Semiótica estuda no componente passional. É preciso considerar que esta dimensão passional, esta dimensão patêmica do discurso é uma dimensão sempre presente no discurso, mesmo que o que esteja presente seja a indiferença. A paixão está sempre presente no discurso.

Pergunta: Por que o Professor escolheu o ambiente universitário para focalizar o estudo da paixão?

Resposta: Aí você está se referindo ao meu texto sobre o ressentimento? Bom, na verdade há muito tempo eu queria escrever um texto acerca de uma certa mesquinharia que eu vejo no ambiente universitário. Mas eu não queria escrever um texto panfletário. Queria fazer um texto científico. Então eu escolhi as paixões. Esse

texto é um acerto de contas meu com uma certa mesquinhaaria que não precisava haver no ambiente universitário, de onde às vezes eu acho que estão ausentes a amizade, a colaboração, o afeto, mas está presente mesmo, na verdade, uma certa mesquinhaaria, uma certa competição, uma certa inveja, um certo “disse que disse”. Não é só no Brasil, em todas as universidades do mundo por que passei eu notei isso e você também deve ter notado pelas diversas universidades do mundo pelas quais passou. Então era o meu acerto de contas, mas eu não queria que ele tivesse uma conotação panfletária, eu queria que ele tivesse uma dimensão científica.

Pergunta: Do ponto de vista da Semiótica, de que forma os afetos e os ressentimentos podem ser retrabalhados no ambiente universitário? Ainda há esperança?

Resposta: Sabe que eu não sei se há esperança não. Nós precisaríamos retrabalhar isso e impregnar o ambiente universitário de paixões positivas. O que nós tínhamos de infundir em nossos alunos era a curiosidade, nós tínhamos de infundir no aluno esse desejo do conhecimento. E infundir no aluno essa idéia de que, quando eu questiono uma coisa, eu não estou colocando em xeque a pessoa, mas questionando uma idéia. E de que o conflito, a discordância, são inerentes ao fazer universitário, mas ao mesmo tempo isso pode ser feito com profundo respeito à pessoa. Mas eu temo que as novas configurações do trabalho acadêmico, com obrigações cada vez mais massacrantes de uma produtividade que às vezes é sufocante... Eu temo que isso vá fazer com que, cada vez mais, os alunos sejam um atrapalho, pela necessidade de produzir, de demarcar terreno, etc. Isso vai produzir cada vez mais ressentimento. Acho que isso mostra que a paixão não é uma coisa da natureza humana, ela até pode ser, digamos assim, mas ela adquire uma configuração muito especial em cada formação social. E no atual estágio de desenvolvimento do capitalismo, eu acho que nós vamos ter cada vez mais ressentimento e não menos.

Pergunta: Em seu artigo “Paixões, afetos, emoções e sentimentos”, você fala sobre a questão do sujeito. O que é o sujeito para a Semiótica?



Resposta: O sujeito para a Semiótica não é um sujeito real, fonte psicológica do discurso. Ele é um efeito do discurso. Ele é uma imagem do sujeito da enunciação. Ele é uma imagem construída pelo próprio discurso. E nisso a Semiótica é herdeira de uma tradição longa, ela não inventou isso. Há outras teorias atuais que, de alguma maneira, falam nisso. Mas, digamos, ela é herdeira de uma coisa antiga, que é a retórica de Aristóteles. Quando Aristóteles vai falar no *éthos*, ele diz: o *éthos* é uma prova do discurso porque nós tendemos a acreditar mais nas pessoas honestas do que nas pessoas desonestas. E aí ele diz uma coisa curiosa: é preciso que a honestidade do orador não seja uma prevenção prévia sobre o seu caráter, mas seja o resultado do que ele diz. Então, é exatamente isso: o efeito de honestidade é criado pela forma como o sujeito argumenta. É dentro dessa tradição que a Semiótica se coloca, pensando o seguinte: claro, existe um sujeito real, mas eu não tenho acesso a ele, eu não posso entrar no seu interior, no seu psiquismo, para saber quem é ele. Portanto, não me interessa esse sujeito real. O que me interessa é o sujeito criado como efeito do discurso. É isso o que é para a Semiótica o sujeito.

Pergunta: Qual a importância do interesse da Semiótica pela competência modal do sujeito?

Resposta: A Semiótica sempre pensa que a narrativa conta como o sujeito age, e esse sujeito age porque ele tem uma competência para agir. Ele sabe fazer, ele pode fazer, etc. Ora, essa competência modal tem um componente pragmático e um componente passional. E, portanto, a competência modal é extremamente interessante porque ela não estuda uma ação desencarnada dos sujeitos, mas ela estuda quais as condições que levam o sujeito a fazer alguma coisa.

Pergunta: De que forma o sujeito realizador é modalizado pelo querer, pelo dever, pelo saber e pelo poder e como tais modalidades incidem sobre o fazer?

Resposta: Bom, um sujeito só faz, quando ele quer ou deve fazer, quando ele sabe e quando ele pode fazer. Sem essa competência modal ele não pode agir. Agora veja: o que é interessante não é dizer isso mecanicamente, é começar a estabelecer tipologias de sujeitos realizadores. Por exemplo, eu posso ter um sujeito modalizado pelo dever, mas que não quer fazer, é coagido a fazer. Posso ter um sujeito do querer, que quer alguma coisa, mas não deve. Por exemplo, o sujeito que afronta o sistema e as normas sociais. Então eu posso começar a estabelecer uma tipologia dos sujeitos. Na verdade, quando eu digo o sujeito quer, deve, pode, sabe fazer, eu estou pensando também que, ao lado disso, eu tenho o sujeito que *não sabe fazer*, o sujeito que *pode não fazer*, o sujeito que *não pode não fazer*, o sujeito que *não sabe não fazer*, o sujeito que *não deve não fazer*, o sujeito que *deve não fazer*, o sujeito que *não deve fazer*, porque eu posso negar as modalidades, negando o modalizador, o modalizado ou ambos. Então, por exemplo, eu tenho o *dever fazer*. Eu posso negar o modalizador: *ele não deve fazer*. Ou então eu posso negar o modalizado, o *fazer*: *ele deve não fazer* determinada coisa, o que é diferente de *não deve fazer*. Posso negar o modalizador e o modalizado: *não deve não fazer*, e assim sucessivamente. Eu tenho um jogo de modalidades que vai criando uma tipologia do sujeito. Por exemplo, o sujeito veleitário, aquele que *quer*, mas não deve, mas ele quer, ele insiste. Ou então, por exemplo, o sujeito teimoso. O que é o sujeito teimoso? É aquele que quanto menos pode mais quer. É aquele que não pode fazer alguma coisa, mas quer fazê-la e tenta, tenta. Isso é o que nós chamamos de *teimoso*. Então vai-se criando nesse jogo de modalidades uma tipologia do sujeito.

Pergunta: Você afirma em seu texto “Semiótica das paixões: o ressentimento” que o sujeito de estado permite estudar textos narrativos fundados sobre um processo de construção ou de transformação do ser do sujeito e não apenas do seu fazer. Você pode falar um pouco mais sobre isso?

Resposta: Veja, no começo a Semiótica se preocupava muito com o fazer do sujeito. Ela começa com as teorias da ação, estudando os contos populares, analisando a trajetória dos heróis, dos vilões nesses contos: é o príncipe que liberta a princesa, é o



dragão que rapta a princesa, é o rei que manda o herói salvar a princesa. Depois amplia seu escopo para a totalidade de textos que trabalham com o fazer. Por exemplo, um texto que descreve o enriquecimento de um sujeito e todas as ações que ele realizou. Só que chega num determinado momento, principalmente no que eu chamo, com muitas aspas, “a grande literatura”, em que há textos que não operam sobre o fazer do sujeito, mas sobre transformações do ser do sujeito. Exemplo: Otelo mata Desdêmona, mas o problema da peça de Shakespeare não é esse, o problema é a transformação de Otelo de um ser não ciumento para um ser ciumento, de um ser não desconfiado para um ser desconfiado. Isso é a transformação do sujeito. E eu tenho inúmeros textos que tratam exatamente desse tipo de transformação. Se eu tomo, por exemplo, o romance “O Leopardo”, de Tomasi di Lampedusa, que deu um belo filme de Visconti, verifico que nele não são as ações que têm importância. O que é importante é a afirmação do príncipe de Salina: “É preciso que tudo mude para que tudo permaneça no mesmo lugar”. Ou seja, o que importa é este movimento de resistência da aristocracia à mudança, é a não mudança do ser do aristocrata, isso é que é o elemento central da obra.

Pergunta: Professor, quais são os grandes desafios e impasses da Semiótica na atualidade?

F: Eu diria o seguinte: como a Semiótica é uma teoria sempre em construção, ela tem sempre grandes desafios. Eu diria que o primeiro desafio importante é dar conta dos novos objetos textuais que as novas tecnologias da informação estão colocando para nós. Veja, não é verdade que a Internet criou textos cujos sentidos se manifestam por linguagens diferentes: visual, verbal, sonora não verbal tudo ao mesmo tempo. Porque o cinema já faz isso. Só que a Internet levou estas textualizações a um tal nível de presença e de organização das substâncias de manifestação que elas colocam novos desafios para nós. Então um desafio da Semiótica hoje é estabelecer, com bastante precisão, as relações entre expressão e conteúdo, verificar como o sentido se manifesta nas diferentes mídias, etc. Segundo: a Semiótica tem um outro desafio

importante, que é conseguir o mesmo nível de sofisticação descritiva da semiótica verbal para as semióticas não verbais. Então, por exemplo, hoje nós falamos, a partir de Benveniste, no aparelho formal da enunciação. O aparelho formal de enunciação na linguagem verbal é muito bem descrito, porque desde os gregos nós sabemos o que é pessoa, o espaço, o tempo. Agora, qual é o aparelho formal da enunciação da pintura, do cinema...? Nós sabemos algumas coisas como, por exemplo, quando há o escurecimento da tela, que é o que se chama de *fade-out*, introduz-se um *flashback*, para presentificar o passado. Mas será que nós conhecemos todos os recursos enunciativos visuais? Então este é um outro desafio importante para a Semiótica. E teoricamente eu acho que a Semiótica tem um desafio maior, no qual ela vem trabalhando, com o desenvolvimento da chamada Semiótica Tensiva: é a incorporação da continuidade na teoria. Pois veja, a Semiótica aparece no período estruturalista e, como qualquer teoria estruturalista, ela se fundamenta no descontínuo: o fonema, por exemplo, é descontínuo, é categórico. São categóricos, por exemplo, os traços fônicos, como oclusivo e constrictivo. O estruturalismo primeiro quase não trabalhou com a transição, quase não trabalhou com a continuidade. Agora com os problemas colocados pelas teorias pós-estruturalistas nós temos o trabalho de incorporar na teoria exatamente o contínuo, todos os fenômenos do contínuo. Como o primeiro estruturalismo se funda no descontínuo, ele trabalhou mal com fenômenos contínuos, como, por exemplo, a entoação. Exemplifiquemos uma questão do contínuo no texto: o ritmo do texto. Por que um texto parece apressado ou parece lento? Esse é um problema do contínuo, dentre dezenas, centenas de problemas do contínuo que existem. Então nisso a Semiótica vai se afastar um pouco de certas matrizes que estão na sua base e vai se aproximar da retórica. Trata-se de uma retorização da Semiótica, que ela está começando a fazer com o que se chama Semiótica Tensiva. E os impasses foram exatamente dados pelas suas bases iniciais. Esse é o movimento que ela tem de fazer, como toda teoria, porque o discurso da ciência é um discurso em perpétua construção sem o que vira dogmático e o dogma é próprio do discurso religioso e não do discurso científico.



C: O Professor, para finalizar, gostaria ainda de fazer alguma consideração?

F: Sim, eu gostaria de fazer uma consideração. Bakhtin distinguiu a Lingüística da Translingüística. A Lingüística trata das significações, que são dadas por relações internas, enquanto o sentido, que é do domínio da Translingüística, é dado pelas relações dialógicas. A Semiótica é uma teoria que está no nível da análise lingüística. É preciso usar a análise lingüística para fazer uma análise translingüística. É preciso colocar a análise lingüística numa perspectiva dialógica, que pertence a um outro nível de análise, o do sentido.

C: Esta é uma tarefa que o Professor está tomando para si?

F: Eu estou pensando nisso, agora é sempre duro fazer um trabalho assim, não é?